

O DIA EM QUE JESUS VEIO A MINHA CASA

William MacDonald

Edições Cristãs

© Edições Cristãs – Editora Ltda.

O dia em que Jesus veio a minha casa

William MacDonald

Tradução:

William Crawford

1a. edição brasileira: janeiro de 1984

Publicado no Brasil, com a devida autorização e com todos os direitos reservados, por

EDIÇÕES CRISTÃS-EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19.900-970 – OURINHOS – SP

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

O DIA EM QUE JESUS VEIO A MINHA CASA

Tudo começou no dia em que convidei um jovem, dedicado servo do Senhor Jesus, para ficar em casa, enquanto ele estava em minha cidade. Este rapaz era totalmente entregue a Cristo. O seu ser inteiro foi posto à disposição do Salvador. Nem sempre era agradável ficar com ele.

Bem, de qualquer modo, estacionei o carro em frente a minha casa e, ao andarmos em direção à porta, ele disse:

“Hei, como será interessante ficar na casa do autor do livro **Discípulos Verdadeiros**”.

Repentinamente, senti como se tivesse sido mergulhado num barril de óleo fervente. Imediatamente, comecei a pensar nos vários cômodos da casa e no que ele poderia ver neles. Eu gostaria de saber se ele consideraria minhas possessões como tendo um relacionamento direto com o Reino de Cristo ou se ele pensaria que eram luxos desnecessários e que revelavam uma indiferença total ante a agonia atual do mundo. Minha paz estava seriamente perturbada.

Mas, ao destravar a porta, pensei: “Por que você está preocupado com o que este rapaz pode ver? É ao Senhor Jesus que você tem de agradar e Ele contempla a sua casa o tempo todo. O que Ele vê na sua casa diariamente?”

Então pensei no que F. W. Grant disse certa vez: “Não há outro teste para qualquer coisa, a não ser como ela pareça na Sua presença”.

Isto me deixou ainda mais desajeitado. Uma coisa me levou a outra. Comecei a imaginar que eu estava trazendo o Senhor Jesus para minha casa. Meu hóspede não era mais o jovem e sincero discípulo; era o próprio Mestre. Hoje, Ele não era só o meu Pastor e Salvador, mas meu Investigador também. Em Sua presença, eu veria coisas que nunca tinha visto antes.

Antes de começarmos o passeio pela casa, devo explicar que nem todas as coisas descritas têm sido realmente verdadeiras em relação a mim e a minha casa, mas as tenho aplicado propositalmente a mim para dar uma visão mais compreensiva do que o Senhor Jesus poderia ver num lar cristão.

HALL

Nesta altura, a porta da frente já estava aberta e nós entramos no espaçoso hall. Logo à nossa frente estava minha escrivaninha de madeira de lei. Em cima da escrivaninha, estavam meus talões de cheques, ações, títulos e apólices de seguro. Horas antes eu os havia tirado do cofre de parede para examiná-los, pois (você entende, não é?) neste mundo de incertezas e mudanças, dava-me uma certa sensação de segurança manuseá-los.

E agora ainda estavam lá, para minha grande humilhação, quando Jesus foi à escrivaninha. Havia outra coisa sobre a escrivaninha: um globo terrestre. E havia também meu calendário favorito com meus versículos diários. Era uma estranha coincidência, mas os versículos para este dia eram: *“Não ajunteis tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”* (Mateus 6.19-21).

Eu me senti tão envergonhado pela minha exibição não intencional de riquezas que rapidamente juntei meus tesouros e coloquei “meu coração” novamente no cofre. Quando voltei à escrivaninha, o Senhor Jesus ainda estava lá, encarando o globo terrestre, olhando pensativamente para os vários países e continentes.

Sem Ele falar, senti-me ferido pelo que aquelas minhas riquezas poderiam fazer se usadas para a propagação do Evangelho no mundo inteiro e não estavam fazendo!

Eu tinha certeza que Ele estava olhando o globo. Ele não estava tão interessado com as fronteiras geográficas; Ele estava interessado com as almas dos homens pelas quais Ele havia morrido na cruz do Calvário.

Erguendo Sua cabeça, Ele me disse: “Você está vivendo pela fé?” Sempre pensei que sim. Eu não era ativo no serviço do Senhor? Não estava vivendo com um salário modesto? Incoerentemente, tentei dar uma desculpa, mas parece que não deu sentido para Ele.

Ele me perguntou: “Qual a diferença entre sua vida hoje e a de um homem de negócios? Ambos ajuntam para um dia chuvoso. Ambos dependem de coisas materiais para sua segurança. Em que a sua vida é diferente? Não estão ambos vivendo pela visão, em vez de viver pela fé?”

Enquanto Ele apresentava as coisas deste modo, tive de admitir que era verdade. Abalou-me um tanto o compreender que, pelo menos neste aspecto, minha vida não era diferente da vida de meus amigos descrentes.

Meus diplomas estavam pendurados em cima da escrivaninha. Eu tinha estudado tanto para adquiri-los, assim como para conseguir as medalhas que estavam ao lado deles. Sentia-me orgulhoso em ter conquistado méritos em tantos campos profissionais. Mas foi só até Ele me dizer mansamente: “Por que você foi atrás destas honrarias?” Foi só isto o que Ele me disse.

Antes nunca tinha vindo ao meu pensamento o quanto eu estava procurando grandes coisas para mim. Naquele momento, as palavras do Senhor através do profeta Jeremias, vieram a mim: “*Procuras tu grandezas? Não as procures*” (Jeremias 45.5).

Naquele momento também me lembrei do que Rudyard Kipling certa vez disse a uma classe de formandos na Universidade de McGill: “No decorrer da vida, não procurem fama, ou dinheiro, ou poder, pois um dia encontrarão um Homem que não se importa com essas coisas e então vocês compreenderão quão pobres são”.

Naquele momento, senti que havia encontrado aquele Homem e compreendi quão pobre eu era.

BANHEIRO

Ao prosseguirmos pelo corredor, dei uma olhada ao banheiro e vi todos os vidros e potes de loção e meus artigos de toucador com todos os aparelhos e acessórios. Minha escova dental elétrica estava pendurada ao lado do armário. Escova elétrica! Sempre fora bem aceita socialmente por mim, mas, agora, estava maravilhado comigo mesmo. Com uma escova dental comum, eu poderia escovar os dentes tão bem quanto com a escova elétrica e com a diferença no preço alguém poderia estar ouvindo o Evangelho na Malásia.

Nunca pensara nisto antes, isto é, antes que o Senhor Jesus viesse a minha casa. Fiquei bem surpreso com minha própria indignação. Desejava poder imitar João, caindo aos Seus pés como morto. A experiência inteira era esmagadora.

SALA DE JANTAR

Entramos na sala de jantar e, felizmente, não havia nada decepcionante ali. Nada, exceto o jogo de prata no guarda-roupa. Preocupou-me um pouco, pois recentemente havia lido num dos livros de A. T. Pierson: “Há, enterrado em pratos de ouro e de prata e em ornamentos nas casas dos crentes, o suficiente para construir uma frota de 50 mil navios, lastreá-los com Bíblias, enchê-los com missionários, construir uma igreja em cada aldeia que não tem e fornecer a cada ser vivente o Evangelho durante 20 anos”.

Sem dizer palavra, o Senhor acenou com a cabeça como se concordasse com o meu pensamento.

Não havia alimento na mesa, logicamente, nada a não ser o ornamento do centro. E, mesmo assim, não podia evitar de pensar em tantas refeições nos feriados, quando sentávamos nesta mesma mesa e nos fartávamos e, sinceramente, comíamos até ficar saturados. Então nos arrastávamos até a pol-

trona mais próxima para nos recuperar da enorme provação e esperar o lanche da noite.

Repentinamente pensei nas 7.000 pessoas morrendo diariamente de fome e nas terras onde suplementos vitamínicos são desconhecidos e onde regimes e dietas são um absurdo. Eu me senti um miserável. Naquele momento preferiria ser mergulhado num mar de lava derretida. Enquanto o Senhor permanecia ali comigo, lembrei-me que frequentemente Ele falara em jejuar, mas eu sempre colocara estes versos num arquivo dispensacional, dizendo que não se aplicam a nós hoje em dia. Mas, agora, não estava tão certo disto, talvez Ele realmente tencionava dizer o que realmente disse.

QUARTO

Foi um descuido da minha parte deixar a porta do guarda-roupa aberta, pois parecia uma mini-loja de roupas. De parede a parede, havia ternos, paletós e camisas. Realmente, não precisava de todas aquelas roupas, mas, de qualquer modo, parecia que lisonjeava o meu ego. Era agradável sempre ouvir as pessoas comentando favoravelmente sobre isto. O Senhor Jesus no me disse nada. Mas nem precisava dizer. A Sua presença ali já era o suficiente.

Em cima da cômoda, havia inúmeros artigos de joalheria e várias bijuterias. Eu fui criado para apreciar a qualidade. Agora fiquei imaginando quem iria receber tudo aquilo, se por acaso eu morresse aquela noite. O pensamento de pôr tudo aquilo ao serviço do Senhor nunca viera a minha mente antes. De repente, lembrei-me de quando, certo dia, recebi um grosso envelope pelo correio. Era de uma viúva crente. Ao desenrolar o papel de seda, um anel de diamantes caiu do envelope. A carta dizia o seguinte: “Deus falou muito comigo acerca deste anel. o tesouro mais precioso que possuo, mas quero doá-lo a Ele. Por favor, use-o para o serviço de Jesus”. Ao lembrar-me daquele incidente, reparei na parede um quadro com um texto bíblico que eu ganhara num concurso de memorização de versículos bíblicos na Escola Dominical e que

dizia: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Pensei em toda aquela roupa, todas as jóias, todo o gasto egoísta de dinheiro e no verso: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

SALA DE ESTAR

Em seguida, entramos na sala de estar. Meu equipamento de golfe estava guardado lá no canto. O Senhor me perguntou: “Você gosta de golfe”. Foi só disto de que eu precisava para iniciar um discurso entusiástico sobre os pontos mais importantes deste jogo. Até me surpreendi em ver quão nítido e fluente eu estava falando sobre o golfe. Mas, quando acabei de falar e Jesus não fez nenhum comentário, comecei a meditar. Impressionou-me saber que eu não era tão entusiasmado e fluente em repartir o Evangelho com os outros. Fiquei imaginando se era justificado eu gastar tanto tempo e dinheiro, jogando uma pequena bola branca através do gramado.

Havia uma agenda na mesa — um relatório da minha recente visita a Atenas. Foi uma bela viagem turística e logicamente podia justificar a viagem, por causa das referências bíblicas a Atenas. Foi maravilhoso visitar a Acrópole, o Areópago e o Partenão. Alguma coisa engraçada aconteceu comigo quando voltei para casa. Um amigo me perguntou: “Você teve frutos na Grécia?” Falei-lhe sobre as laranjas e toranjas e as deliciosas uvas. Mas não era a isto a que ele se referia. Ele queria dizer frutos do Evangelho. Vira eu almas salvas para Cristo?

Agora, repentinamente senti-me envergonhado em pensar que tinha ido como turista e não como um ganhador de almas. Senti-me completamente repugnado comigo mesmo. Lembrei-me de quando o apóstolo Paulo também visitara Atenas. Ao ver as pessoas submersas na idolatria, seu espírito ficou oprimido. Ele não fez uma viagem luxuosa de turismo. Ele estava à procura de almas. Como tinha sido diferente comigo!

Havia um relógio de pé nesta sala. Com o Senhor ali, ao meu lado, parecia que o seu tique-taque era mais forte do que

nunca. Tornei-me extremamente sensível com o passar do tempo. Estava pensando também em alguns encontros que foram realizados nesta sala — as fofocas, os inúteis bate-papos, as noites perdidas — tanta conversa, mas nada de valor eterno,

Meu coração disparou quando Jesus foi olhar a televisão. Eu estava amedrontado com o que Ele poderia dizer. Todas aquelas horas perdidas naquelas bobagens a cores. As piadas duvidosas que eram embaraçosas, se, por acaso, alguém da igreja estivesse ali. Sem dúvida alguma, a televisão trouxe o mundo para dentro de minha casa. Jesus não falou nada. Não disse que estava errado. Não disse que era pecado. Simplesmente não disse nada e isto me fez sentir pior do que nunca!

Ao permanecer ali com o Senhor, vi coisas que nunca tinha considerado antes. As cortinas! E será que eu esqueceria a pequena fortuna gasta em colocá-las? Procurei em todas as lojas especializadas num raio de 80 quilômetros para conseguir as que combinavam perfeitamente com os móveis e tapetes. O piano! E todos aqueles belos momentos cantando hinos ao seu redor. Certa noite, quando os jovens estavam cantando, perguntaram se alguém tinha um hino favorito. Quando pedi aquele belo hino “Apenas um peregrino aqui, morando numa tenda”, ouvi um rapaz sabido dizer baixinho: “E que tenda, heim?”

Não sei porque, mas comecei a pensar no ano do jubileu, de que se fala no Velho Testamento. Cada quinquagésimo ano, todas as propriedades eram revertidas ao primeiro proprietário. Isto significava que, quanto mais perto se estava do ano do jubileu, menos valor a propriedade tinha no mercado. Eu fiz um balanço mental de toda a minha riqueza e percebi que seu valor estava caindo ao nos aproximarmos da vinda do Senhor. Hoje eu poderia usar tudo aquilo na propagação do Evangelho; amanhã talvez fosse inútil para mim.

Meu sonho foi interrompido quando meu desajeitado cachorro bigle pomeriano veio, pulando para dentro da sala. Desejei que ele nem tivesse aparecido. Eu ainda estava des-

norteado com a conta que tive de pagar ao veterinário pelas injeções. Sempre pensara que ficava bem em conta tratar de um cachorro, mas esse era enjoado — ele só comia carne de primeira e os alimentos caninos mais caros. Eu tinha certeza que alguns seres humanos em alguma parte do mundo poderiam viver facilmente com o que eu gastava para sustentar esta peste. Meu Hóspede, o Investigador, observou tudo e não falou nada.

Lá no canto da sala, eu podia ver minha coleção de selos — todos os selos que Israel já havia lançado. Pensei: “Jesus ficará contente em ver que estou interessado em Israel e no seu significado profético”. Mas, de repente, pensei no que poderia ser realizado a favor dEle se os selos fossem vendidos e o dinheiro revertido em literatura evangélica. Até aquele momento, aquela coleção de selos era um tesouro, mas, agora, repentinamente, cessei de estimá-la.

Na mesa de centro havia uma conta da floricultura. Envi-ei um buquê que me custou muito dinheiro para o enterro do Sr. Manoel. Parecia to estranho gastar tanto dinheiro em flores que teriam tão curta existência. Se o dinheiro fosse gasto em Bíblias, teria sido bem melhor. Mas, como você bem sabe, as pressões sociais são to fortes e senti que tinha de me conformar.

BIBLIOTECA

Como você poderia esperar, o Senhor foi olhar os livros na minha biblioteca. Eu tinha tanto orgulho da coleção de Darby, composta de 34 volumes luxuosamente encadernados. Para ser franco, nunca li aqueles livros, mas davam-me certa aparência de conhecimento e espiritualidade. Havia outros livros que também nunca li e provavelmente nunca iria ler. Havia outros que já havia lido, mas nunca leria novamente.

Enquanto o Senhor observava os livros, pensei que deveria vender alguns e usar o dinheiro para cooperar no serviço do Senhor.

GARAGEM

Preferiria, se possível fosse, não passar pela garagem, mas o Senhor já estava à porta e Ele suspeitaria o meu receio se tentasse impedi-lo de entrar. Não acho que haja necessidade de contar o que Ele viu: meu carro esportivo, último tipo, minha lancha, todo meu equipamento esportivo. Nem gosto de pensar em todo aquele equipamento caríssimo que estava guardado ali.

FIM DO PASSEIO

Ao sairmos ao pátio, o Senhor perguntou-me, e creio que o fez com ternura: “Você está contente, William?”

Eu tive que responder: “Não, Senhor. Eu não estou contente. Sei que os bens materiais não trazem felicidade. Eles nunca podem satisfazer meu coração. Mas não é esta a única razão por não estar contente. Em. minha vida falta poder. Parece-me que algo está impedindo a liberdade do Seu poder em mim. E também sinto-me culpado em pensar que tenho gasto tanto dinheiro comigo mesmo, quando metade do mundo nem ouviu dizer que Tu morreste por eles”.

Então falei bem heroicamente: “Senhor, podes levar o que quiseres. Estou disposto que Tu tenhas o que desejas”. Mas Ele me corrigiu: “William, eu não levo nada. É você que tem de tomar a iniciativa. Coloque o que quiser me dar no altar do sacrifício”.

Ele acenou para que eu me sentasse ao Seu lado, no muro. Então me disse mui afetuosamente: “Há algumas coisas que gostaria de dizer-lhe antes de partir. Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser Meu discípulo. Não ajunteis tesouros na terra, mas ajuntai tesouros no céu. Pois onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

“William, porque você não começa a viver sacrificialmente para a propagação do Evangelho? Dê até doer. Lembre-se do que Davi disse: ‘Eu não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que não me custem nada’ Porque você não começa a

viver pela fé e não pela visão? Então, milhares de argumentos surgiram na minha mente, argumentando que não poderia fazer assim porque não era prudente ou prático. Mas Ele antecipou-se a meus pensamentos, dizendo: “Sua responsabilidade é ser obediente à Minha Palavra. Deixe as consequências comigo”. Ele continuou:

“Sua vida de oração tem sido monótona porque você possui tanto. Você não passa por nenhuma necessidade. Ponha-se numa posição onde você terá de confiar em Mim. Isto revolucionará sua vida de oração”.

“Outra coisa, William, frequentemente você ora por coisas quando você tem as respostas ao seu alcance. Mas isto, realmente é hipocrisia. Não peça ao Pai fazer algo que você mesmo pode fazer”.

“Finalizando, há mais alguma coisa que gostaria de dizer a você: Lembra-se quando falei a Meus discípulos sobre a cruz? Durante a sua vida inteira você tentou escapar de sacrifícios e sofrimentos. No momento em que a cruz aparecia no seu caminho, você encontrava uma saída escapatória. Você tentou proteger muito a sua vida, para conservá-la. Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me”.

Foi só isto que Ele disse e partiu. Eu fiquei contente. Contente em ficar sozinho, para que pudesse me ajoelhar. Tinha algumas decisões a fazer e queria fazê-las com urgência.

UMA ORAÇÃO

“Nosso Pai, nós só podemos pedir que Tu sondes os nossos corações para que possamos saber realmente onde está o nosso coração. Tu nos disseste que onde estivesse o nosso tesouro, ali estaria também o nosso coração. Nós pedimos a

Deus que Tu nos levas à cruz onde Ele Se fez pobre, sem nenhuma reputação, despido das glórias dos céus para que nós pudéssemos ser enriquecidos, filhos de Deus, coherdeiros com Jesus Cristo. Que nós possamos chegar com os nossos corações quebrantados à cruz. Que possamos deixar de resistir ao Espírito Santo e que possamos estar desejosos de entregar-nos totalmente a Cristo: nossas vidas, nossos talentos, nossas línguas, nossos corações, nossas casas. Que possamos orar com toda a convicção: ‘Tudo, ó Cristo, a Ti entrego; tudo, sim, por Ti darei’. Tu sabes, Senhor, que nós não somos discípulos, pois estamos longe da realidade. Pedimos-Te que, ao arrependermo-nos, nos tomes e nos enchas com o Espírito Santo. Sabemos, Senhor, que não podemos fazer estas coisas sozinhos. Nós nos tornamos frustrados e desencorajados com os nossos fracos esforços e oramos para que uma revolução possa ocorrer em nós. Uma revolução de amor, para arrancar-nos da era materialista em que vivemos, para livrar-nos da servidão do secularismo, materialismo e culto da moleza que se alastra no nosso mundo mais rapidamente do que o comunismo. Ó, Senhor, atende a nossa oração, para que possamos saber a realidade de andar como Ele andou. Pois pedimos em o nome de Jesus Cristo. Amém”.

George Verwer

+++